

TERCEIRA PARTE

**O SOCIALISMO E  
OS INTELLECTUAIS**

ANTONIO ROBERTO BERTELLI

KARL KAUTSKY

LEON TROTSKY

MAX ADLER

## O SOCIALISMO E OS INTELECTUAIS

### A VISÃO DO TODO

O primeiro e fundamental significado que o socialismo tem para os intelectuais – que gera toda a compreensão ulterior e do qual resultam necessariamente todas as consequências – consiste no fato de que ele representa para eles a verdadeira possibilidade de descobrir um novo mundo social. Além do mais, na medida em que leva em consideração a vida social dos intelectuais, o socialismo constitui um complemento de sua experiência familiar e escolar para alcançar a plena compreensão da vida. Por essa razão não falamos aqui do socialismo enquanto convicção subjetiva, mas sobretudo de sua doutrina e do modo como ela se revela materialmente na vida política e sindical dos trabalhadores. Só entrando em contato com essa nova realidade poderão ser derrubados aqueles limites que, aprisionando os intelectuais na prisão perpétua da ideologia burguesa como se nada existisse fora dela, lhes retira inclusive a consciência de seu próprio isolamento. Lá fora, ao contrário, há todo um mundo que trabalha e sofre: o exército dos homens que trabalha com outros fins, outras necessidades e, sobretudo, outras possibilidades de desenvolvimento do que aquelas que tem o mundo burguês. O que é que sabem eles de tudo isso? O proletariado não só é a camada inferior da sociedade burguesa, não só é a menos conhecida, tão pouco conhecida como os habitantes do sótão para os “senhores do primeiro andar”. “Como vive o povo?” “O que pensa o povo?” – esses são ainda hoje capítulos dos velhos diários de viagem a países distantes, só que não tão divertidos e coloridos como aqueles, e análoga é a relação que os intelectuais têm com o proletariado. Os pensamentos e os sentimentos, os anseios e as esperanças, a luta e a resistência dos operários resultam incompreensíveis para eles, encerrados como estão em seus círculos, indiferentes a tudo isso. O conhecimento de sua situação e a consciência do antagonismo de classe que o operário assume a partir de sua condição com a mesma naturalidade com que respira o ar em que vive, e inclusive a tendência à sua abolição que lhe nasce como exigência de melhorar a sua vida material e de elevar seu nível cultural devem ser primeiro compreendidos e avaliados pelos intelectuais para evitar que lhes ressoem como palavras privadas de significado.

Atualmente, o operário se soma ao processo produtivo, com sua implacável luta pela existência, numa idade em que o intelectual ainda não enfrenta maiores preocupações do que as de se preparar para a próxima aula. Sobre o jovem operário, em geral já na tenra idade dos 14 anos, pesam a carga e a responsabilidade, apenas compreendida

cabalmente, de construir a própria vida e de se manter. Expulso violentamente da familiaridade jocosa da juventude que frequenta a escola e introduzido num mundo adverso, completamente desconhecido, deve se defender e ganhar a vida. Aí não há tempo a perder; é como se a singular organização daquilo que seus defensores chamam tão gostosamente de ordem *burguesa* da sociedade tivesse decidido que a juventude do operário não pode durar muito com a finalidade de que, sendo tão tempestuosa e efervescente, tão vacilante e oscilante, com a maravilhosa indefinição do homem que está em processo de formação, não seja subtraído por muito tempo à servidão do trabalho, a qual deve ser o único fim da vida e da formação do jovem operário. Pois de fato tudo parece estar preestabelecido e orientado para que com uma velocidade surpreendente o escolar se transforme num ser maduro e carregado de preocupações, que se converta em homem antes de ter vivido a época da juventude. Daí nasce a seriedade assombrosa com a qual nos apresentam os trabalhadores, já entre os 20-25 anos, como homens que passaram por muitos sofrimentos e muitas experiências. Sendo ainda rapazes – operários adolescentes – aprenderam desde a sua incorporação à atividade laboral a encontrar eles mesmos uma resposta para todos os problemas da vida econômica e social que os encurralam; a tomar decisões importantes, muitas vezes dolorosas, em caso de greves, *lock outs* (dispensas temporárias como represálias por parte dos patrões), questões da organização sindical. Mas não é só a autonomia de juízo que deve desenvolver precocemente; também amplia seu horizonte (a visão, o ponto de vista) e enriquece sua reflexão mediante os elementos cognoscitivos da vida social circundante que simultaneamente são materiais de experiência para seu próprio desenvolvimento. Desde o começo de sua vida como operário o jovem chega a conhecer na busca de trabalho os horrores da concorrência e o perigo do desemprego, perigo que provavelmente não constituísse uma incógnita para ele já na casa de seus pais. Por certo em seu lar teve que deparar ainda muito jovem com os problemas de uma vida em que o trabalho não é senão a luta permanente contra a fome e a miséria e não, como deveria ser, um meio adequado para melhorar a própria existência. Se uma doença ou um acidente inabilitou o pai para o trabalho e a casa toda, a mãe e os filhos, tiveram que procurar o sustento, que importância podia ter para o rapaz que se visse privado do único raio de esperança para as crianças proletárias: brincar com seus colegas nas horas de recreio? E se finalmente consegue obter um empreguinho onde pode ganhar o pão, já estão aí outros mestres, demasiados rígidos, prontos para abrir-lhe os olhos acerca de coisas que alguns de seus semelhantes jamais conhecerão. O jovem aprendiz chega a conhecer na fábrica o caráter planificado e social do processo produtivo com sua exata divisão do trabalho, e o sentirá com segurança muito de perto e na própria carne por meio da forma do salário por tarefa, que lhe permitirá compreender cabalmente a natureza do processo produtivo, a rapidez do trabalho na cadeia de montagem sob pena da redução de seu salário. Sendo aprendiz experimenta na própria carne a enormidade da exploração e o atraso da pequena empresa diante da dimensão da grande fábrica; contudo, como operário numa fábrica experimenta ao mesmo tempo, por meio dos regulamentos da organização da fábrica, a coisificação de sua pessoa, que se torna pura força de trabalho, mera mercadoria; não só as pausas de trabalho são medidas como o relógio de acordo com as necessidades da produção e não de suas próprias necessidades, mas que além do mais se proíbe e se castiga qualquer atividade humana, como por exemplo falar, como algo que não compete a uma mercadoria, no caso de infração a esse regulamento. Isso fermenta em seu ânimo em cada momento de sua atividade profissional, enchendo-o de opiniões e convicções pessoais, e se bem que não tome plena consciência disso por muito tempo, aparece cada vez com maior clareza, não obstante, quando se reúne com companheiros de trabalho, quando se encontra com camaradas mais velhos, já mais

maduros. Então trocam observações que acumuladas há muito tempo depois do sofrimento e de esperanças inconscientes agora buscam uma expressão fazendo dos problemas econômicos e das reivindicações políticas o centro de seu interesse, enquanto seus coetâneos são instruídos nas escolas, nas finezas da musa de Virgílio ou estão fazendo exercícios retóricos acerca dos dramas de Corneille. E o operário jovem, que vê esses companheiros de sua juventude ir à escola enquanto ele passa horas e horas trabalhando, que os sente tão cultos e seguros, que os ouve expressar-se em termos tão escolhidos e sábios, freqüentemente pensa nas numerosas instruções que recebem, e também ele deseja aprender, captar e entender mais a fundo o que o preocupa e o faz refletir. Então verá personificada diante de si a contradição de classe, em carne e osso, e a sentirá agora não tão só na própria carne, mas com mais rancor ainda em seu próprio espírito que está condenado a sofrer privações porque o fruto de seu trabalho apenas é suficiente para impedir que seu corpo sofra privações.

Dessa maneira, as teorias socialistas encontram o operário preparado para pensar, como se se tratasse de opiniões próprias, só que ele não as pudera conceber tão nitidamente; mas o que é seguro é que as tendo escutado uma vez, jamais as esquecerá. Isso não é nenhum milagre já que a teoria do socialismo, tal como Karl Marx a entende, não consiste senão na investigação científica das causas daquela particular situação econômica na qual se encontra o operário junto com seus companheiros de trabalho, isto é, a resposta a seus problemas.<sup>1</sup> E se dessa resposta finalmente deriva que essa condição particular do operário tem suas causas nas condições de existência da ordem econômica capitalista, isto é, uma ordem econômica cujo fim é o lucro e não a satisfação das necessidades sociais; e se a resposta descobre que esse lucro é possível somente pelo fato de que os meios de produção são propriedade privada de um grupo determinado de pessoas, as quais por essa razão estão em condições de obrigar outras a trabalhar para elas sob pena de que morram de fome; e se finalmente a resposta coloca que esse trabalho caracteriza-se por criar para o proprietário dos meios de produção um excedente porque ele produz mais do que o operário necessita para sua subsistência imediata que é tudo o que o operário recebe, se tudo isso ilumina o pensamento do operário com uma repentina clareza que introduz nas noções até esse momento pouco claras e apenas pressentidas uma compreensão ordenada, de agora em diante se desvinculará da velha ordem de coisas, romperá com essa sociedade que só o valoriza na medida em que dele extrai seus valores. A partir desse instante já é cidadão de um mundo novo, é membro de uma *sociedade nascente*, membro consciente de suas próprias forças de uma sociedade que realmente merecerá este nome; ele é um socialista e decidido combatente *político* pelo conhecimento, pela compreensão que adquiriu, um socialdemocrata.

Esse *ponto de vista do futuro*, esse sentimento novo da vida, essa feliz intransigência perante o mundo burguês que se coloca ao operário conscientizado como algo totalmente natural, o intelectual que pretende chegar a compreender o socialismo deve recriá-lo mediante o pensamento. E se o consegue, encontra um novo ponto de vista a partir do qual observar sua própria sociedade e o Estado tal como são com um olhar diferente daquele que tinha até agora, então morrerá a concepção tradicional do mundo burguês que durante tanto tempo considerou como algo natural, na qual os agentes da produção, isto é, aqueles que dirigem cada um dos setores de trabalho existem, por assim dizer, por si mesmos e, portanto, não são reconhecidos como o que realmente são, isto é, *elementos*

<sup>1</sup> Ver Max Adler, *Wegweiser. Studie zur Geistesgeschichte des Sozialismus* [Guia. Estudo acerca da história espiritual do socialismo], cit., capítulo "Marx im Verständnis des Proletariates" [Como Marx entende o proletariado], p. 20.

de uma divisão social do trabalho. Eles, de fato, aparecem agora contrapostos uns contra os outros como

produtores independentes de mercadorias que não reconhecem outra autoridade senão a da concorrência, a coerção que exerce sobre eles a pressão de seus mútuos interesses, assim como também no reino animal a *bellum omnium contra omnes* [guerra de todos contra todos] mantém em maior ou menor medida, as condições de existência de todas as espécies.<sup>2</sup>

Só agora está sensibilizado para prevenir-se do equívoco de uma concepção similar da essência da vida social que faz desaparecer por completo por trás do fetichismo dos interesses privados – que o único que ela pode ver –, os quais, em seus recíprocos e ásperos condicionamentos, destroem o já escasso significado de sua política “social”. De tudo isso se depreende a clara compreensão do socialismo como aspiração, que nasce historicamente do conhecimento da sociedade, a conceber e formar conscientemente as relações sociais existentes, mas que até esse momento operavam cegamente; colocar o processo de produção social – até então abandonado a si mesmo – sob o controle sistemático do conjunto da sociedade e gerar assim – por meio da transformação do atuar desordenado e elementar das forças econômicas – uma organização que poderá verdadeiramente levar o nome de sociedade humana.

Conseguindo essa clareza acerca do verdadeiro sentido do socialismo e acerca do mundo das idéias e sentimentos do proletariado, o intelectual adquire muito mais do que a mera compreensão friamente teórica. Na medida em que ele as torna suas e elabora esses pensamentos, alcança *ele mesmo* aquela visão do *devenir social* que já não lhe permite considerar o mundo burguês do qual veio como o único possível e natural. Assemelha-se a uma criança camponesa que pela primeira vez foi além da montanha e viu que existe outro mundo maior, com o qual já deixa de ser uma simples criança camponesa. Para nós, os intelectuais, o socialismo significa em primeiro lugar superar a ingênua visão camponesa da sociedade burguesa, segundo a qual todo o mundo gira em torno do campanário da propriedade privada e – sem por isto falar ainda de adesão ao socialismo – pôr em seu lugar aquela visão da possibilidade de uma sociedade nova, o que implica a aceitação de levar seriamente em consideração os problemas que esta traz em si. Esse significado deriva da inevitabilidade fatal do socialismo, e só a sua força impetuosa pode franquear os limites de nossa educação e de nossos costumes e estender nossa existência intelectual para além da parcialidade da visão burguesa, para a *totalidade da experiência social*.

#### □ ESPÍRITO TEÓRICO DO SOCIALISMO MODERNO

É a partir desse momento que o socialismo adquire um ulterior significado para os intelectuais. Uma vez que esses conheceram o mundo do proletariado que alimenta todas as razões do socialismo, convertendo assim esse grande fato histórico num problema teórico, compreendem em seguida que a essência do socialismo não consiste só, como acreditaram por muito tempo, na explosão de necessidades materiais elementares e na urgência apurada de exigências não satisfeitas – que constituem somente o terreno no qual se define de maneira mais pronunciada a vontade de existência dessa classe –, mas começam a entender agora que aqui não há apenas uma vontade, mas também uma via e, precisamente, uma via iluminada pela inteligência e pelo conhecimento científico. De fato, desde que tomou por guia o pensamento de Marx, Engels e Lassalle, o socialismo

<sup>2</sup> Karl Marx, *Das Kapital*, I, p. 321 (4ª edição).

moderno está decidido a percorrer seu caminho em conformidade com frias convicções fundadas cientificamente, sem se abandonar a seus próprios desejos enquanto tais, desconfiado como é – quase que até o exagero – diante de qualquer forma de sentimentos ou de sensibilidade. O socialismo moderno já não quer ser uma utópica fantasia, uma religião da humanidade, um movimento caritativo que sonha com harmonias, mas uma forma de ciência aplicada, que consiste na atuação consciente do conhecimento das leis do desenvolvimento da sociedade, ou seja, o testamenteiro do destino da humanidade que tem lugar sob a “ira da necessidade”. Por meio da análise científica busca os fundamentos da ordem social, identifica as causas do modo peculiar em que esta se estrutura por meio de antagonismos de classe, tendo presente as tendências que agem em direção à reestruturação daquela nova formação social, que desde agora se pré-anuncia nas coisas sob a crescente concentração de capitais e sob a crescente socialização do processo produtivo que se verifica na indústria, sob a organização da produção e do comércio perseguida pelas associações de empresários, sob a progressiva estatização e municipalização de grandes indústrias e sob a regulamentação sempre mais internacional das entidades que dirigem o comércio, a saúde, a assistência e inclusive os interesses culturais. De fato, agora estes constituem outros tantos sinais de uma nova forma social de vida, que poderá ser construída de maneira conseqüente e em conformidade com um plano. Essa tendência de desenvolvimento da realidade, junto com o conhecimento das causas que determinam a formação econômica das classes, carregam para o socialismo o objetivo de construir a nova ordem econômica e social – plenamente assegurada tanto no terreno econômico como no tecnológico pelas forças que já operam na ordem atual – precisamente por meio da abolição consciente dessas causas, isto é, mediante a superação da propriedade privada dos meios de produção. Portanto, o socialismo confere aos estímulos e impulsos do proletariado não só a forma da consciência, mas também a de uma análise sustentada pela clareza de um conhecimento científico.

Só se os intelectuais compreenderem corretamente essas coisas, o que não é de todo fácil, o socialismo poderá lhes aparecer sob uma luz totalmente nova nessa extraordinária união de uma vontade vigorosa com um saber abstrato. Já não se trata somente de um movimento de massa, mas de um movimento que reúne os impulsos, as exigências e os pensamentos múltiplos do proletariado *compreendidos em suas causas e conjuntamente reconhecidos na necessidade de seus fins*. Pela primeira vez na história se assiste ao espetáculo singular de um processo que, concebendo-se a si mesmo como autoconsciente, se desenvolve conforme essa consciência; numa palavra, conforme uma *causalidade feita consciente e conscientemente dirigida*.

As concepções teóricas dos comunistas não se baseiam, de modo algum, em idéias ou princípios inventados ou descobertos por este ou aquele reformador do mundo. São apenas a expressão geral das condições reais de uma luta de classes existente, de um movimento histórico que se desenvolve sob os nossos olhos.<sup>2</sup>

A ciência não é aqui uma conselheira que se coloca de lado com benevolência, uma forma de consciência puramente colateral a respeito da ação política, mas, ao contrário, a consciência da necessidade histórica, ou seja, a reflexão sistemática sobre as causas que nela operam e sobre os efeitos que dela derivam.<sup>3</sup>

<sup>2</sup> [K. Marx-F. Engels, *Manifesto do partido comunista*, cit., pp. 37-38].

<sup>3</sup> Ver, a respeito, Max Adler *Marx als Denker* (Berlim: 1908) [agora em *Marx und Engels als Denker* (Marx e Engels como pensadores) (Frankfurt: Makol, 1972), pp. 44-45].

Esse modo com que o socialismo se relaciona com a própria ciência, em virtude do qual o socialismo não é mais do que a *prática, concebida de maneira social, correspondente àquela*, constitui o segundo grande significado que o socialismo possui para os intelectuais. Aqui eles conhecem um exemplo da unidade de teoria e prática dificilmente presente em outro lugar na mesma medida. Não se objete que não é seguro que tudo o que o socialismo apresenta como científico seja efetivamente tal, já que quem pensasse assim demonstraria não ter entendido ainda a peculiaridade da ligação que une o socialismo à ciência. Não interessa, de fato, que a doutrina do socialismo seja inatacável em todas as suas partes (quem pensasse isso seria totalmente estranho ao espírito da ciência e quem conhece o socialismo sabe que precisamente em seu interior a crítica científica procede ininterruptamente), mas que não quer dar nenhum passo para frente sem o auxílio da ciência; e é isso que faz o socialismo particularmente importante para os intelectuais. Quem pensa, pois, que o socialismo avança no erro, que venha nos explicá-lo; posto que a grandeza do socialismo consiste no fato de que para combatê-lo não podemos ficar no terreno das opiniões e das argumentações políticas de partido, mas é necessário alcançar as alturas do pensamento científico. Se os intelectuais querem persistir em sua hostilidade, se querem reafirmá-la no *plano cultural* para não renunciar à sua função de intelectuais, devem assenhorar-se dos procedimentos científicos do socialismo, isto é, devem estudar a *ciência da sociedade*.

De fato, para os intelectuais, dada a própria parcialidade de sua experiência na qual os vimos crescer longe do socialismo, a ciência é sinônimo de ciência da natureza, enquanto na formação de uma pessoa culta a ciência da sociedade, isto é, a teoria que indaga as formas da sociedade e o modo de seu desenvolvimento em virtude das leis não ter espaço algum. Mas, se justamente se deve considerar inculto a quem não tenha compreendido o espírito das modernas ciências da natureza, por que teríamos que duvidar em considerar tal a quem é estranho e inclusive hostil ao espírito da ciência da sociedade? Talvez porque as leis sobre as quais os ordenamentos sociais vivem e morrem são menos importantes do que aquelas que regulam a queda das pedras ou da expansão do gás? Essa exaltação das ciências da natureza documenta o limite ideológico da burguesia, que não sabe o que fazer com os resultados da ciência da sociedade pelo modo como estes contradizem globalmente a sua existência.

Mas junto com a ciência da natureza, essa criança mimada da sociedade burguesa, à qual oferece a tecnologia e as ferrovias, proporcionando-lhe ao mesmo tempo, com a teoria darwiniana, a suposta justificação de sua luta pela concorrência, a ciência da sociedade, que integrará finalmente a técnica com a técnica social, fazendo dos homens já não uma mercadoria para ser adquirida, mas vida que produz para si mesma, avança cada vez mais, superando os limites do universo cultural burguês. O socialismo, enquanto consequência necessária da ciência da sociedade, da qual é a transposição no plano da realidade histórica, não é outra coisa senão a técnica da ciência da sociedade, ou seja, aquela organização da vida social e estatal que se realiza segundo conhecimentos científicos, como foi desejada, desde Platão, em todos os momentos mais altos do pensamento humano. Com o socialismo, o intelectual não só integra, como vimos no capítulo anterior, sua experiência de vida, mas também, em primeiro lugar, sua *consciência científica* do conjunto dos fenômenos que o rodeiam. Antes a forma mais alta de conhecimento era dada pela teologia, com sua explicação onicompreensiva das últimas coisas e na qual todo o saber mundano levava a uma doutrina de Deus; foi a filosofia, depois, com seu cosmopolitismo e sua sabedoria mundana que assumiu o objetivo de reunificar as formas múltiplas do saber; hoje, enfim, é a ciência, em sua forma mais alta de ciência da sociedade, conjuntamente com a prática que lhe corresponde, *conceitualmente inseparável* dela, isto

é, o socialismo, que assume a função de organizar o conjunto da vida estatal e social, levando seu próprio ponto de vista na atividade de cada um. O naturalista, o engenheiro, o economista, o professor, o médico, o jurista, o sacerdote, o escritor, o artista – todos os que alguma vez tenham começado a refletir – chegam a duvidar seriamente sobre o sentido e a eficácia do seu trabalho, colocando-se assim diante daquele problema da real utilidade social de sua atividade que só a ciência da sociedade pode resolver teoricamente e só o socialismo resolve praticamente. Este é o segundo grande significado que o socialismo possui para os intelectuais, cuja existência está duramente questionada.

Portanto, a idéia fichtiana de educação nacional é, como já dissemos, um conceito verdadeiramente revolucionário porque se inscreve como elemento propulsor do desenvolvimento social, e isso leva a um conceito historicamente superado, que já pertença à história da filosofia. Trata-se de um pensamento ainda vital, que se conjuga com os mais fortes estímulos sociais de nosso tempo, até assumir ante eles um valor programático. Certamente hoje sabemos que não só com a educação podemos mudar desde os fundamentos as condições e as relações sociais, mas sabemos que a perspectiva de um novo tipo de educação já é o resultado de uma violenta transformação econômica que se desenvolve na base de nossa sociedade civil. Por essa razão, a idéia de uma nova educação é ainda, por si mesma, uma pura forma de compreensão do desenvolvimento histórico; mais ainda na medida em que é assumida pelas camadas mais baixas do povo, no interesse das quais é depositada, e às quais Fichte já apresenta como executores de seu pensamento. Não é casual que incite os homens de cultura a se colocarem à frente dessa obra de educação, porque de outro modo esse dever que “está quase preparado e maduro para sua exposição ao povo”,<sup>4</sup> poderia ser assumido pelo próprio povo, na primeira pessoa! E ainda mais, discutindo a possibilidade de que os ricos e os possuidores entreguem seus filhos à educação comum, renunciando assim a seu orgulhoso isolamento, exclama:

Para a posteridade será um testemunho esclarecedor sobre nossa época, se precisamente os que tenham repudiado, por esse repúdio recebem o privilégio de iniciar uma melhor raça, se esses levam aos filhos daqueles que não queriam estar com eles a formação sublime e se eles chegam a ser os ascendentes de nossos futuros heróis, sábios, legisladores, salvadores da humanidade.<sup>5</sup>

## A FINALIDADE CULTURAL DO SOCIALISMO

No decorrer de nossa exposição o socialismo já se revelou sob dois aspectos que em razão de sua natureza estreitamente cultural teriam que atrair fortemente os intelectuais; em primeiro lugar, como sociedade em transformação destinada a tornar possível pela primeira vez uma real comunidade de vida, a respeito da qual eles não podem se isolar nem se opor; em segundo lugar, como teoria da prática humana,\* à qual é impossível subtrair-se. Essas duas características libertam o socialismo daquela falsa aparência que até agora o fez parecer um simples movimento operário, um puro problema de salário e de pão. Agora os resultados da análise feita já não constituem um paradoxo: o socialismo não é, em seus fundamentos, um movimento *operário* enquanto tal, mas um movimento

<sup>4</sup> *Ibid.*, p. 204.

<sup>5</sup> *Ibid.*, p. 47.

\* O significado da expressão usada no texto, *aktuelle Theorie*, pode ser compreendido por uma passagem de “Kausalität und Teleologie im Streite um die Wissenschaft”, em *Marx-Studien, Blätter zur Theorie und Politik des wissenschaftlichen Sozialismus*, vol. I, Viena, 1904 (p. 245, em que o adjetivo *aktuelle* é usado por Adler como sinônimo de *praktisch*, segundo o sentido da VIII tese sobre Feuerbach, em que se afirma que “toda a vida social é essencialmente *prática*” (nota de Siglo Veintiuno Editores).



*cultural*, precisamente na medida em que quer realizar a cultura por meio da mobilização dos operários, ou seja, levando a cultura aos operários e desenvolvendo-a por meio deles. A força extraordinária com que o socialismo se arraigou no ânimo dos operários está no fato de que não se limita a buscar uma melhoria da situação do operário, mas quer que ele deixe de ser somente um operário, isto é, um homem obrigado a trabalhar somente para viver. O movimento operário não representa somente a emancipação do *proletariado* a respeito da constrição do trabalho capitalista, mas também a emancipação do *espírito* a respeito das angústias intelectuais inerentes àquela visão do trabalho própria de uma economia privada, segundo a qual esta não é aquela função da sociedade que satisfaz todas as necessidades, tanto do ponto de vista econômico como da organização geral, mas ao contrário só é um meio com o qual se ganha miseravelmente “o próprio pão”. Aquela idéia, hoje tão familiar, segundo a qual há que se trabalhar para viver (que o cristianismo apresentou inclusive sob a forma de um dever religioso, como virtude da laboriosidade, apesar de que na *Bíblia* o trabalho já fosse uma maldição lançada sobre o homem), essa autêntica visão escravista do trabalho se converterá em incompreensível para uma civilização reconstituída pelas contradições do capitalismo. Não se afirma que é necessário respirar para viver, porque das coisas naturais não se fala. E, contudo, o trabalho também é uma condição natural da existência social, “condição geral da troca orgânica entre homens e natureza, condição natural externa da vida humana”;<sup>6</sup> que deve ser realizada pela sociedade de maneira regulada e segundo uma distribuição uniforme entre todos os seus membros tão logo, como agora, o seu grau de desenvolvimento econômico permita essa possibilidade. Assim como nos é difícil imaginar que o ar necessário para a vida não seja um bem comum (ainda que não o seja no verdadeiro sentido do termo, quando a maior parte dos nossos concidadãos vive em pequenas miseráveis moradias ou está asfixiada, devido a jornadas de trabalho muito longas, pelo ar contaminado das fábricas; quando tantos doentes e necessitados de descanso não conseguem nunca *gozar* do ar puro dos mares ou da montanha, enquanto uma minoria de afortunados leva as suas horas de ócio passeando, freqüentemente durante todo o ano); assim como é inconcebível que se tire de alguém o ar necessário para a vida em nome de regras e de direitos estabelecidos pela sociedade, da mesma maneira será inconcebível – e já o é para quem verifica a surpreendente desnaturalidade da situação presente, não por meio de impressões que vêm de fora, mas pela imediata experiência de vida – que haja homens que não podem saber como viverão no dia seguinte porque não têm um trabalho com o qual possam “ganhar” a vida. Eliminar *esse* conceito de trabalho, cancelar da história *essa* figura de trabalhador, eis o sentido cultural, tão sedutor e cheio de perspectivas, do movimento operário socialista, mesmo no caso em que se queira entender o socialismo como movimento operário. Ele expressa a luta empreendida pela última forma de escravidão do trabalho para sua definitiva libertação por meio da eliminação dos fundamentos econômicos “sobre os quais descansa a existência das classes e, por conseguinte, da dominação de classe. Emancipado do trabalho, todo homem se converte em trabalhador, e o trabalho produtivo deixa de ser um atributo de uma classe”.<sup>7</sup>

O socialismo é o movimento operário e o movimento de classe só em processo de superação definitiva como tal, e nesse sentido reclama até hoje a própria auto-superação em cada operário que se reconheça realmente nele; de fato, rapidamente esse se sente mais do que um simples operário: em seu ânimo flui a plenitude de esperanças que dirigem toda a sua maneira de almejar um futuro melhor, enquanto crescem todas as

<sup>6</sup> Karl Marx, *Das Kapital*, I, cit., p. 146.

<sup>7</sup> Karl Marx, *Der Bürgerkrieg in Frankreich* [A guerra civil em França], p. 49.

demais formas de interesse por uma existência muito mais luminosa e feliz do que aquela que pode entrever através do simples interesse operário. Certamente, o operário também afirma fortemente esse interesse por meio de sua organização política e sindical, mas sempre com desdenhosa consciência, como disse o poeta: “Nós, que surgimos da ira de Deus, somos até agora o proletariado!”

Para quem conhece a distinção entre forma e conteúdo é claro que enquanto a forma, o socialismo é um movimento de classe, enquanto segundo o conteúdo, ele não aspira a nada que seja apenas um puro interesse de classe, mas constitui o primeiro grande exemplo de um movimento de classe que persegue a realização dos interesses comuns próprios de uma cultura da humanidade não como cobertura ideológica de interesses particulares, mas porque *precisamente seu interesse de classe* pela superação da escravidão do trabalho não encontra realização senão no triunfo dos interesses gerais da civilização. Posto que é parte do mecanismo das leis sociais que o progresso da cultura se realize na luta contra um estrato que usufrua de maneira privilegiada dos interesses culturais, estes se realizam na medida em que se manifestam como interesses particulares daqueles que estão ainda obrigados a prescindir deles. Mas, o fato de que desse modo uma classe seja chamada a lutar por determinados fins como por seus próprios interesses faz com que *esses mesmos fins*, quando sejam de interesse cultural geral, não constituam uma conquista puramente particular. E como poderia ser de outro modo num movimento de classe como o proletário, cujo fim é tornar impossível, para sempre, uma divisão de *classes econômicas* por meio de um novo ordenamento da sociedade e criar assim os fundamentos econômicos de uma cultura verdadeiramente universal?

Mas, dado esse predomínio do quarto estado – escrevia Lassalle no *Programa operário* – vê-se imediatamente a imensa diversidade, que essa classe social é a última, a extrema, é a classe deserdada da humanidade, a qual não impõe e não pode impor *nenhuma* condição exclusiva nem de natureza jurídica, nem de natureza material, nem de cultura nem de propriedade da terra, nem de propriedade capitalista, e dar-lhe forma de novo *privilégio* e compenetrar as instituições sociais [...] sua liberdade é a liberdade humana, seu poder, o poder de todos.<sup>8</sup>

#### Também em Marx lemos:

A existência de uma classe oprimida é a condição vital de toda sociedade fundada em antagonismo de classes. A emancipação da classe oprimida implica, pois, necessariamente a criação de uma sociedade nova [...] Isto quer dizer que depois da derrocada da velha sociedade sobrevirá uma nova dominação de classe, traduzida num novo poder político? Não [...] *a condição* da emancipação da classe operária é *a abolição de todas as classes* [...] No curso de seu desenvolvimento, a classe operária substituirá a antiga sociedade civil por *uma associação* que exclua as classes e seu antagonismo; e já não existirá um poder político propriamente dito, pois o poder político é precisamente a expressão oficial do antagonismo de classe dentro da sociedade civil.<sup>9</sup>

O mundo no qual o socialismo se tornará vitorioso não pode ser outro que aquele em que está fundado e assegurado o interesse absoluto de todos, no qual, segundo a célebre expressão do *Manifesto*, “o livre desenvolvimento de cada um será a condição do

<sup>7</sup> “Die wir Von Gottes Zorne sind / Bis heut’ das proletariat”. O verso, que não é na realidade um distíco, pertence a uma famosa poesia de Ferdinand Freiligrath, “Von unten auf” (1848), incluída na antologia *Ça ira*. Adler cita obviamente de memória; o texto exato é: “Die wir von Gottes Zorne sind, bis jetzt das Proletariat” (nota de Siglo Veintiuno Editores).

<sup>8</sup> *Ferdinand Lassalle Reden und Schriften*, editados por E. Bernstein, t. I, p. 38.

<sup>9</sup> Karl Marx, *Das Elend der Philosophie* [Miséria da filosofia], p. 163.

livre desenvolvimento de todos”. E é precisamente o movimento operário socialista de nosso tempo que, se bem que é um movimento de classe, reivindica o mérito de ser o primeiro a superar em sua própria ação histórica todo qualquer caráter que seja puramente de classe. Tal pretensão não deriva de um mérito moral particular de seus afiliados, ainda que seja certo que só o socialismo possa elevar moralmente o operário. É muito mais a peculiaridade já descrita desse movimento de classe, tal como pode surgir só de um determinado estágio do desenvolvimento histórico e econômico, hoje já existente, o que torna realizável e urgente a atuação da organização social de um interesse comum que nos garantisse a existência. De fato, aquilo que Friedrich Engels podia escrever no *Anti-Dühring* já há uma geração se tornou entretanto mais claro:

A possibilidade de assegurar a todos os membros da sociedade, graças à produção social, uma existência que não só resulte de todo suficiente do ponto de vista material, mas que, além de ser mais rica a cada dia, garanta a todos sua plena e livre formação e o exercício de toda as suas disposições físicas e intelectuais, existe hoje pela primeira vez, incipientemente, mas *existe*.<sup>10</sup>

Esse é o caráter histórico-cultural do socialismo enquanto movimento operário e movimento de classe. Mas se dessa maneira se dissolveu aquela falsa imagem que exatamente esses dois conceitos evocaram por longo tempo devido à própria ignorância das leis sociais e, portanto, das tendências do desenvolvimento que ela indica, se depreende então um terceiro e decisivo significado do socialismo para os intelectuais. De fato, enquanto esses conceitos permaneceram incompreendidos, não podiam constituir motivo de separação e indiferença, inclusive de hostilidade, porque, entre o interesse cultural dos intelectuais e o puro interesse operário de uma classe que, por assim dizer, se fecha em si mesma, não podia existir em comum mais do que uma genérica exigência de um sistema mais digno para o homem. Mas do conhecimento da função social exercida por esse movimento se depreende uma plena e sublime comunhão de fins. Chegados a esse ponto é inegável que o socialismo não é o fim do grande movimento de massa de nosso tempo, não é a meta posta por sua pura vontade. Que ideal seria aquele de socializar a produção e regular os consumos? O socialismo é *somente o meio* para alcançar uma *organização superior da sociedade* em sua existência global, material e espiritual; um meio que, naturalmente, não nos limitamos a reconhecer como o mais racional e o mais adequado para o objetivo (como fazia o socialismo utópico dos tempos passados, quando deixava a realização do socialismo para as convicções de homens honestos e razoáveis), mas daquele que vislumbramos diretamente da necessidade no grau de desenvolvimento econômico alcançado pela sociedade e do qual tem e terá que se servir também o processo histórico tornado consciente.

O intelectual, que tão dificilmente consegue libertar-se de suas concepções burguesas pode no início se opor timidamente a esse *instrumento* que comporta a eliminação da ordem econômica capitalista e com ela a da sociedade burguesa. Mas ele não pode estar de acordo com a *perspectiva* de obter uma educação, um enriquecimento e uma plenitude de vida para toda a sociedade. Muito antes, e esta é questão essencial que se tem que separar dos interesses artificialmente sobrepostos, também os intelectuais definitivamente *se interessam somente por conseguir esse fim e não pela natureza do meio necessário*. Isto significa que para os intelectuais enquanto tais (isto é, enquanto pessoas que tendo feito dos interesses e da atividade cultural sua opção de vida vêm sua própria sobrevivência não só como subsistência física, mas consideram igualmente indispensá-

<sup>10</sup> Friedrich Engels, *Anti-Dühring*, p. 305.

veis seja a tranqüilidade e a liberdade da atividade intelectual como a possibilidade de encontrar nela uma satisfação total) *pode ser completamente indiferente* que o meio constituído pelo socialismo ameace a existência da sociedade burguesa; para eles é suficiente que *ele seja capaz de garantir seu fim cultural*. Que depois esse fim não tenha sido alcançado ainda na sociedade burguesa se deve, evidentemente, à difusa e sempre crescente miséria das profissões intelectuais, que é ainda maior do que aquela que golpeia os ofícios manuais, porque significa um empobrecimento, quando não uma prostituição do eu espiritual. Os intelectuais enquanto *tais* não têm pois *nenhum interesse na conservação da sociedade burguesa*, ainda que também a tenham considerado somente como um meio para alcançar um fim cultural geral.

Para evitar equívocos é necessário precisar que não falamos aqui daqueles intelectuais que, como os empresários ou os capitalistas, são obviamente parte integrante, também por seus interesses culturais, da sociedade burguesa; e tampouco daqueles que, por sua profissão, crêem ser os defensores da ordem atual ou pelo menos crêem compartilhar interesses com ela – ainda que na realidade não sejam mais do que mercenários – como por exemplo os funcionários públicos, os representantes dos graus superiores da magistratura, procuradores de Estado e similares. Só esse grupo de intelectuais, a quem freqüentemente se faz referência para negar a possibilidade de uma relação íntima dos intelectuais com o socialismo, constitui uma exceção precisamente em virtude de sua posição social, e é, contudo, insignificante seja por consistência numérica seja por sua real influência intelectual sobre a massa das profissões liberais e dos empregados médios. Para esses amplos meios de intelectuais vale aquilo que uma vez disse Karl Kautsky: “talvez não estejam imediatamente ligados aos interesses de classe do proletariado, mas freqüentemente não têm sequer um interesse direto na exploração capitalista”. Por isso não são levados “nem por privilégios econômicos nem por razões de ordem profissional a defender a exploração capitalista”.<sup>11</sup> Mas mesmo se prescindindo completamente do impulso de seus interesses materiais, em virtude *das próprias condições em que se desenvolve sua atividade cultural*, ocupam uma instável posição de equilíbrio entre a burguesia e o proletariado, que tende preferencialmente para este último na medida em que se faz sentir o peso dos problemas que interessam realmente à cultura. Essa situação própria dos intelectuais já foi vista com clareza pelo dr. Karl Renner, que, com razão, enumera entre eles inclusive aqueles grandes empresários dotados de preparação comercial, técnica e econômica, que sendo diretores de suas próprias empresas recebem sob a forma de salário uma boa metade de suas rendas. A propósito de todos esses estratos intelectuais, que são ao mesmo tempo classe possuidora e trabalhadora, e nada mais, Renner afirma que globalmente não têm outro interesse econômico de classe do que um

*desenvolvimento cultural tranqüilo, constante e duradouro*, independente de até onde, em *última instância*, esse o leva, se para um regime baseado na propriedade na qual sejam co-participantes, ou para um regime baseado no trabalho no qual eles colaborariam sob qualquer circunstância por uma sociedade em que todo trabalho seja digno de um salário honrado e todo trabalho altamente qualificado recebesse também um salário qualificado.<sup>12</sup>

A partir desse reconhecimento da natureza real de seu interesse cultural dentro da sociedade burguesa e a partir do conhecimento dos objetivos culturais que são próprios do socialismo, o preconceito inicial dos intelectuais a respeito do socialismo como puro

<sup>11</sup> *Die Neue Zeit*, XII (1894-1895), vol. 23, p. 75.

<sup>12</sup> *Deutsche Worte*, dirigido por Engelbert Vernerstorsen, 1903, p. 321.

movimento operário deverá converter-se agora na convicção de que existe uma comunhão de objetivos ideais, uma igualdade e uma ligação precisamente no terreno dos interesses culturais, de cuja inevitável e sempre mais vasta difusão o socialismo quer ser o fundamento.

Este é o terceiro significado do socialismo para os intelectuais segundo o qual estes a partir de agora o defendem como sua própria causa.<sup>13</sup>

## A SUBORDINAÇÃO DO TRABALHO INTELECTUAL

Com a concepção que faz do movimento operário a essência do socialismo desaparece também o último diafragma artificial que tende a separar os intelectuais do socialismo em nome de uma suposta diferença dos interesses materiais ou, pelo menos, de uma ausência de relação entre as duas esferas de interesses. Já vimos como, não obstante o caráter burguês de sua origem e de sua atividade profissional, os intelectuais não têm os mesmos interesses políticos do que a burguesia. Mas em medida ainda menor existe uma comunhão de interesses econômicos. Na afirmação contrária está implícita uma perigosa confusão de conceitos que, naturalmente, os porta-vozes da burguesia se encarregaram de alimentar. Os intelectuais têm interesse em conservar um nível de vida burguesa que hoje podem obter só com a burguesia e permanecendo em seu seio; mas poderiam ter interesse em conservar a “ordem” burguesa se pudessem obter aquele mesmo nível de vida, ou inclusive alcançar outro melhor, sem ela? Responder afirmativamente a esta pergunta significaria chegar àquela ridícula conclusão, que alguma vez se pretendeu que os operários aprendessem a repetir, segundo a qual eles estariam interessados na conservação do capitalismo porque lhes dá o que comer!

O quanto é funesta essa conclusão aparece agora sempre mais claro para os intelectuais, na medida em que isso que teria que testemunhar sua comunhão de interesses com a burguesia, ou seja, um nível de vida digno e capaz de garantir a independência, está sempre cada vez mais em causa. Mas nos interroguemos fundamentalmente não sobre esse problema, mas ao contrário sobre o grau de liberdade e de independência das profissões intelectuais. Como conseqüência do desenvolvimento sempre mais acelerado e brutal conhecido pelo capitalismo nas últimas décadas, o trabalho intelectual foi submetido, de maneira análoga ao trabalho manual e em formas que são sempre mais difíceis de mascarar, à escravidão do trabalho assalariado. A crescente divisão do trabalho que originada nas fábricas entra pela força também nos escritórios, nos laboratórios técnicos em as direções das empresas, também subordinou o trabalho intelectual à *routine* de um mecanismo exclusivamente dirigido à exploração. É inegável o perigo que essa ordem

<sup>13</sup> Ainda que em seu escrito *Die tattischen Differenzen in der Arbeiterbewegung* [As diferenças táticas no movimento operário], Hamburgo, 1909, Anton Pannekoek afirme que os trabalhadores intelectuais não têm nenhum interesse pela conservação do modo de produção capitalista, parece temer que o socialismo desse estrato social, que não participa do desespero econômico do proletariado, se mantenha sempre como um “socialismo moderado, ‘civilizado’, distante da dureza da luta do proletariado, e tendente a colocar em primeiro plano seu caráter reformista e meramente cultural” (p. 115). Mas isso pode ser correto somente para aquela forma de socialismo que já caracterizamos e rejeitamos no “Prefácio”. Ao contrário, precisamente esse tipo de relação se estabelece entre os intelectuais e o socialismo – que não deriva, como já dissemos e repetiremos ainda, da necessidade de uma unificação cultural para alcançar o objetivo final – orienta para o futuro toda atitude intelectual e moral e determina um interesse quase material por consolidar as próprias convicções com o *conhecimento científico* da situação em que é preciso operar. Por isso Kautsky podia com razão atribuir aos intelectuais no partido a função de desenvolver e difundir a compreensão das grandes relações sociais e um conhecimento socialista que se engrandece para além dos interesses do momento, isto é, o *espírito revolucionário* no melhor sentido da palavra.

econômica representa precisamente para a liberdade das profissões intelectuais e sobre as camadas sociais mais cultas; para se dar conta, para reconhecê-lo em toda a sua ameaça não é preciso ser socialista: é suficiente uma visão aberta dos fatos e uma consciência honesta. Assim, por exemplo, um dos homens políticos mais destacados de nosso tempo, o genial Friedrich Naumann, que, mesmo impossibilitado por sua ideologia burguês-imperialista para tirar todas as conseqüências de sua clara visão da natureza real da sociedade moderna, disse aos intelectuais num agudo ensaio, que tem por título *O ideal da liberdade*:

Para que serve a igualdade dos direitos civis se os homens têm que se vender voluntariamente para viver [...] Há bastante homens honestos que vêm se aproximar, como exército de uma potência inimiga, uma época de novos vínculos feudais [...] Nas grandes empresas cartelizadas não se sofre a fome, mas os homens são máquinas e números. A primeira geração ainda conserva, provavelmente, algumas idéias de personalidade e de liberdade, mas quem nos assegura que no mundo da grande indústria, já na segunda ou na terceira geração não se conforma uma paciência de escravos que destruirá todos os resultados alcançados até agora pelo desenvolvimento histórico liberal?<sup>14</sup>

De fato, com aquele desembaraço e aquela energia que caracterizam sua vital expansão, o capitalismo está a ponto de converter em realidade cotidiana esse novo feudalismo do trabalho intelectual e manual. Num estudo sobre a organização da indústria americana, o engenheiro Möller descreve como o esforço

de se tornar independentes, em cada empresa, a respeito de determinadas pessoas, com a finalidade de que possa regular tudo de maneira tal que a condução da empresa seja mecanizada [...] Evita-se assim que um empregado, em virtude de suas experiências e de seus conhecimentos, se torne indispensável. O empregado se converte, de alguma maneira, num membro substituível da empresa.<sup>15</sup>

Mas também nas consideradas profissões liberais da liberdade e a independência desaparecem cada dia mais. Karl Marx podia escrever no *Manifesto*, há mais de 60 anos:

A burguesia despojou de sua auréola todas as atividades até então reputadas veneráveis e encaradas com piedoso respeito. Do médico, do jurista, do sacerdote, do poeta, do sábio fez seus servidores assalariados.

São palavras duras que naquela época talvez só constituíam uma profecia, mas que hoje se converteram em realidade irrefutável para todo o conjunto das atividades profissionais.

As profissões liberais do médico ou do advogado – escrevia Karl Renner no número de julho do primeiro ano da revista *Der Kampf* – se convertem sempre em mais dependentes das grandes empresas, dos grandes estabelecimentos, dos bancos. O interminável exército dos empregados públicos e privados se aperta toda a vida em busca de posições subalternas. A valentia no trabalho basta para os graus inferiores, para as posições dirigentes é preciso mais: a confiança. Por suas atitudes, por suas relações familiares, pelos sentimentos políticos favoráveis a quem manda, o homem tem que ser uma pessoa de confiança: eis aqui as coisas que contam [...] São

<sup>14</sup> Friedrich Naumann, *Das ideal der Freiheit*, Berlim, 1908, pp. 30 e 32.

<sup>15</sup> R. Woldt, "Der industrielle Grossbetrieb und seine sozialen wirkungen", em *Die Neue Zeit*, XXVIII (1909-1910), vol. 1, p. 121.

\* [Karl Marx & Friedrich Engels, *Manifesto do partido comunista*, cit., p. 25].

necessários instrumentos de confiança; não pessoas preparadas e dotadas de autonomia intelectual!<sup>16</sup>

É essa desvalorização do trabalho intelectual, a qual se determina, seja por obra de uma refinada divisão do trabalho e de conformismo a ele, seja pela aceitação do domínio de interesses que lhe são estranhos, o que juntamente com Renner denomino de *subordinação do trabalho intelectual*, que oprime mais do que a simples exploração. Mas essa subordinação é acompanhada, além do mais, da não-liberdade que padece o trabalho intelectual na sociedade capitalista. Para explicar como se chegou a semelhante nível de limitação da liberdade e da independência da ciência não é preciso muitas explicações: os fatos falam aqui até com muita clareza. Por acaso nas duas últimas convenções da associação dos professores e dos docentes alemães, autorizados doutos, ainda que de posições extremamente distintas, não se lançaram amargos e apaixonados protestos contra a tutela política que toda essa camada se vê obrigada a suportar? Diante dos veementes mas legítimos ataques com que o professor Max Weber, na reunião celebrada em Viena pela Verein für Sozialpolitik,<sup>\*</sup> pôs às claras não faz muito tempo (1909), o espírito autoritário da burocracia (a propósito da qual repetiu a amarga pequenez segundo a qual se determinou na cultura alemã uma predisposição psicológica caracterizada pelo desejo de ser fiel, alemã e de merecer a aposentaria), os docentes alemães aceitaram a vergonhosa defesa feita pelo chefe do gabinete prussiano, von Thiele. Ele teve a coragem de afirmar que a burocracia é de todas a melhor forma de capitalismo porque se o professor Weber tivesse dependido dele, depois daquele discurso, teria sido posto na rua. No momento essa nobre disputa entre burocracia e capitalismo é completamente insignificante. O deputado ao Reichstag alemão, Georg Gothein, escreveu num artigo sobre a reforma eleitoral prussiana (*Neue Frei Presse*, Viena, 13 de fevereiro de 1910) que

faz pouco tempo que foram castigados alguns funcionários que nas eleições municipais de Kattowitz tinham votado em favor de candidatos clericais e poloneses e que nessa ocasião o chefe do governo prussiano proclamou abertamente que um funcionário tem que votar de maneira que não sejam lesadas as “necessidades do Estado”. Naturalmente, é o governo que decide quais são as necessidades do Estado. Portanto, um funcionário que votasse num dinarquês, num polonês, num socialdemocrata sofreria sanções disciplinares; nem sequer um simples catedrático, *nem sequer um grande intelectual pode arriscar-se a tanto na Prússia*

e até agora, infelizmente, ninguém se arriscou. Também o professor Sombart escreveu uma vez sobre a hipocrisia que domina a vida pública:

Proclama-se com ênfase que a ciência e seu ensino são livres, que as universidades alemãs são o baluarte da liberdade de ensino. Mas todos sabem que isso é completamente falso. Um membro do Partido Social-Democrata não pode ensinar numa universidade prussiana nem sequer física e é inclusive inimaginável que possa ensinar ciências sociais. Faz pouco tempo, um de nossos mais jovens e dotados estudiosos de ciências sociais, próximo da socialdemocracia, tentou inutilmente ensinar, ainda que fosse somente como docente livre, em algumas universidades alemãs. Isso, ao contrário, é permitido a qualquer incapaz que, em determinadas circunstâncias, pode chegar a ser inclusive catedrático, com a condição que dê provas de sua fidelidade.

<sup>16</sup> *Der Kampf*, I, 1907, p. 437.

\* Associação cultural fundada em 1872 por G. Schmoller e Adolf Wagner, que propugnava a intervenção do Estado no terreno econômico como meio para resolver também a questão social. Centro de irradiação da “Escola Histórica”, essa associação se encontra nas origens de muitos desenvolvimentos da cultura econômica e sociológica alemã (nota de Siglo Veintiuno Editores).

Não tivemos também nós, na Áustria, o caso de Wahrmund? Não é o único, mas sem dúvida é o ataque mais recente e vergonhoso à liberdade de ensino, porque nesse caso a violência perpetrada contra um intelectual chegou a ponto de ferir sua honorabilidade por parte de seus colegas, documentando assim a espantosa medida como desapareceu entre os docentes universitários a independência e a solidariedade recíproca no confronto com o governo. A comissão encarregada pelo grupo local vienense da união de professores alemães para investigar esse caso muito triste para a melhor parte de nossos intelectuais se viu obrigada, baseando-se num exame rigoroso de todos os atos, a definir como deplorável “que a lei reconheça a liberdade de ensino, mas não exclua a possibilidade de que um docente universitário possa ser demitido contra a sua vontade, ou castigado sem prévio procedimento judicial, atingindo dessa maneira gravemente a liberdade de ensino [...]”

Mas se poderia dizer ainda mais: basta recordar que a esse aviltamento do trabalho científico se agrega a corrupção que o capitalismo exerce sobre ele, dando lugar a uma forma ulterior de negociação de sua liberdade, na medida em que o instrumentaliza para seus próprios interesses. As mais poderosas associações empresariais já conquistaram uma representação “científica” de seus próprios interesses. Já dissemos repetidas vezes (e esse é um ponto sobre o qual vale a pena insistir) que as doações para fins científicos feitas pelos magnatas americanos, tão admiradas pela inconsciente opinião pública e tão adequadas para produzir bons efeitos, são um verdadeiro cavalo de Tróia para a liberdade da ciência. Tratando-se em geral de ações de capitalistas, amarram aqueles institutos científicos e os que neles trabalham a poderosos interesses econômicos e os comprometem, desde o momento que são sustentados por esses capitais, em operações financeiras de seus magnânimos fundadores, o que sem dúvida não favorece o caráter desinteressado da ciência. Se os homens de ciência amam tanto afirmar que são superiores às demandas do mercado, não podemos deixar de nos preocupar pelo fato de que finalmente cheguem a depender de sua evolução mesmo antes que possam percebê-lo.

Tudo isso fala com clareza em favor daquela liberdade, ainda que limitada, de que hoje goza o trabalho intelectual dentro dos limites do feudalismo burocrático e capitalista. E aqui há uma tendência para piorar o que vai se acentuando cada dia, porque os antagonismos internos da sociedade burguesa chegaram a ficar tão claros e a própria burguesia fortaleceu de tal maneira sua consciência de classe que não pode ver o empenho teórico e prático de seus funcionários no campo das ciências sociais com a mesma indulgência com que pode ser olhada uma ocupação acessória prazerosa e inócua como foram o socialismo de cátedra e as reformas sociais dos anos 1980 e em parte dos 1990. Assim como o liberal lugar comum da liberdade para todos já não comove ninguém, o mesmo pode se dizer da liberdade da ciência, diante da qual está em vigor uma retirada em favor dos interesses do Estado.

A essa subordinação do trabalho intelectual há que agregar além do mais uma clara e nítida proletarização de amplos estratos intelectuais; inclusive se se faz exceção da restrita percentagem de funcionários e de empregados de nível superior dependentes das indústrias privadas, de professores universitários, de artistas de êxito, etc., se vê que essa proletarização já caracteriza a situação de classe do trabalho intelectual. O que significa, de fato, uma renda anual de 4.000 coroas (que por outra parte não atinge a média das rendas daqueles intelectuais que se dedicam exclusivamente ao seu próprio trabalho) para o nível de vida necessário de um intelectual, para ele e sua família, senão uma existência cheia de preocupações, de privações e de compromissos culturais.<sup>17</sup>

<sup>17</sup> Precisamente agora os jornais publicam o projeto de um programa profissional para os institutos de instrução superior da Áustria, preparado pelo Zentralverein der Hochschullehrer boêmio de Praga e difundido nas escolas



É por isso que o socialismo, ainda que seja visto como um puro movimento operário e reivindicatório, não diz respeito somente aos trabalhadores manuais. Seja com a falta de liberdade ou com o decréscimo do nível de vida, o modo de produção capitalista se revelou um dos maiores fatores de nivelamento.

Esta – disse Kautsky, referindo exatamente à posição aparentemente anômala dos intelectuais –, tende ao nivelamento de todos os trabalhadores. Uma das maiores mudanças que está se dando é a destruição da aristocracia dos trabalhadores da mente para equipará-los socialmente aos trabalhadores braçais; esse nivelamento é tão violento e inaudito que ainda hoje parece uma utopia para algum sábio, mesmo que tenha se iniciado diante de seus olhos.<sup>18</sup>

Nos quinze anos transcorridos desde que foram escritas essas palavras, esse início se converteu num processo manifesto em toda parte e já encontra correspondência nas denúncias públicas que advêm de todos os meios intelectuais. A culpa é somente dos trabalhadores intelectuais se não conseguem ver em sua própria condição social mais que um aspeto do problema mais geral do trabalho dentro da ordem econômica capitalista.

### A CRISE DO TRABALHO CULTURAL NO CAPITALISMO

Para concluir essas considerações com um juízo global pode-se afirmar, pois, que no que pese a falta de liberdade e as privações a que está submetido o trabalho intelectual na sociedade capitalista, toda a sua situação social, precária e permanentemente insegura, não constitui o único interesse da natureza estritamente pessoal que pode obrigar os intelectuais a dirigirem o seu olhar para uma ordem distinta de coisas. Neste caso também é válida a afirmação segundo a qual não só de pão vive o homem; ou seja, que mesmo quando na sociedade burguesa os trabalhadores intelectuais fossem livres e independentes – ainda que na realidade não sejam – e estivessem materialmente satisfeitos, se bem que estejam muito longe disso, permaneceriam igualmente não-livres e não-satisfeitos no que se refere a seus fins peculiares e seriam humilhados em seus propósitos mais sérios *porque o mundo burguês em que vivem se detém diante e ainda mais coloca limites àquele universos de idéias nas quais são chamados a participar por sua atividade intelectual*. No mundo da sociedade capitalista no mesmo momento em que se tornou demasiado estreito do ponto de vista das forças econômicas presentes em seu interior e do ponto de vista do desenvolvimento que elas possibilitam, se tornou também mais sensível para todos aqueles problemas relativos ao crescimento da civilização que a ciência e a técnica impõem à atenção dos melhores espíritos.

Assim para começar pelos interesses da civilização material, nosso tempo realiza um domínio quase fabuloso sobre as forças naturais. Máquinas maravilhosas realizam milagres diante dos quais empalidece a imaginação das utopias do passado e, a cada dia

superiores de todos os tipos. Nele se lê que a questão do conteúdo poderia ser indiferente somente para um restrito número de docentes. “A maioria está preparada somente para o que se refere a sua própria disciplina e não tem hoje nenhuma relação com o que se requer dos docentes dos institutos de instrução superior.” Se o trabalho dos professores não é reconhecido em seu pleno valor, menos ainda dos catedráticos e docentes livres. Esses, na idade em que desejam formar uma família, sentem uma grande amargura ao comprovar que na idade de 35 anos, já muito depois do doutorado, se encontram na situação de não saber, literalmente, como manter a família. Em meio dessas preocupações pelas necessidades imediatas da vida cotidiana, têm que cuidar de seus trabalhos científicos para testemunhar sua qualidade e sua preparação. “É triste a condição daqueles jovens que trabalham no campo científico e a quem a sorte deu *talento, diligência e escrúpulos*, mas esqueceu-se de lhes dar também dinheiro.” (*Arbeiterzeitung*, Viena, 15 de fevereiro de 1910).

<sup>18</sup> Karl Kautsky, *Die Vorläufer des neuen Sozialismus* [Os precursores do socialismo moderno], 1905, p. 73.

que passa, acarreta novas surpresas. Mas o aumento da produtividade do trabalho possibilitados pelas máquinas tornou por acaso menos dura a condição do trabalho humano? Ou a tecnologia incorporada nas máquinas não se converteu ao contrário precisamente no meio para desvalorizar o trabalho do homem e portanto para subjugar-lo sempre mais a uma exploração sem limites? Na sociedade capitalista, a máquina não desenvolve a função para a qual foi criada pela ciência, a de apressar e abreviar o mais possível a quantidade necessária de trabalho social, mas só a de incrementar, o mais possível, os lucros de quem as possui.

A figura autonomizada e alienada que o modo capitalista de produção confere em geral às condições de trabalho e ao produto de trabalho, enfrentadas pelo operário, se desenvolve com a maquinaria até se converter em antítese radical [...] O meio de trabalho assassina o trabalhador.<sup>19</sup>

Diria algo mais: o lucro capitalista privado decide inclusive a *administrabilidade* do progresso técnico aumentando assim o ingresso na produção de máquinas e de procedimentos de trabalho mais aperfeiçoados precisamente ali onde resulta mais barata a exploração da força de trabalho humana e onde há formas atrasadas de trabalho, próprias de épocas anteriores. Não é, pois, determinante o objetivo cultural de uma diminuição dos tempos de trabalho fixados sindicalmente, mas somente a interrogante sobre se o moderno modo de produção diminui ou não a taxa de lucro.

O verdadeiro limite da produção capitalista é o próprio capital; é este: que a produção e sua autovalorização aparecem como ponto de partida e ponto terminal, como motivo e objetivo da produção; que a produção só é produção para o capital, e não ao contrário, que os meios de produção são meros meios para um desenvolvimento constantemente ampliado do processo vital, em benefício da sociedade dos produtores.<sup>20</sup>

Diante do espírito da ciência moderna surge um quadro fascinante: as forças da natureza, ordenadas a serviço da economia do homem, e os homens uma raça de senhores serenos e alegres que se libertam da escravidão do trabalho, entregue agora a seus escravos de ferro: as máquinas. Mas os ambiciosos propósitos da tecnologia científica têm que se render desgraçadamente porque não é uma sociedade de homens livres que usa as máquinas, mas a sociedade capitalista com seus empresários e seus cartéis; e o que o progresso técnico quer criar – diminuição de trabalho e aumento da produção – se converterá para a massa do povo em substituição dos operários pelas máquinas, diminuição do salário e desemprego por um lado, encarecimento dos produtos por meio dos trustes por outro. O fim cultural implícito na técnica se torna sempre menos alcançável precisamente na medida em que a produção capitalista se assenhora de suas conquistas.

A situação da agricultura não é melhor do que a da indústria; ao contrário, é ainda mais grave.

A primeira e mais importante necessidade da sociedade é o abastecimento de seus membros. Mas a sociedade capitalista destina esta função às pobres pessoas a quem faltam os conhecimentos e os meios para aproveitar as conquistas da ciência que possibilitam o aumento da produtividade da terra e do trabalho [...] Por isso a produção nessa área permanece num nível de desenvolvimento que parece ridiculamente atrasado em relação às possibilidades que a ciência moderna oferece.<sup>21</sup>

<sup>19</sup> Karl Marx, *Das Kapital*, I, p. 317.

<sup>20</sup> Karl Marx, *Das Kapital*, III, 1, pp. 231-232; ver também t. I, pp. 356-358.

<sup>21</sup> Otto Bauer, *Die Teuerung* [A carestia], p. 11.

Na realidade, a ciência agrônômica altamente avançada que já se ensina na universidade está trabalhando constantemente para fixar as formas mais racionais de administração dos campos e de criação de gado. Mas, perante a miséria do pequeno camponês, diante da parcelização da propriedade dos camponeses médios e do “nobre” desinteresse da grande propriedade feudal, para a qual importa mais o prestígio do que o interesse da coletividade, que importância pode ter a investigação científica. Ela só tem significado se torna evidente o grau de atraso na realidade.

A mesma aguda discrepância que encontramos entre o grau de maturidade das instituições científicas e a realidade como se apresenta na sociedade capitalista se manifesta com mais clareza ainda em todos os campos da cultura.

Há tempo que os interesses da ciência e da filosofia exigem uma reforma da instrução escolar e da educação em geral, que tenda não só a reforçar o espírito das crianças, libertando-o definitivamente das influências de teorias superadas e antiquadas, de opiniões daninhas e, em particular, da influência que a igreja exerce sobre a escola – o que também seria possível numa sociedade burguesa –, mas que também tenda, num sentido mais amplo, a estender o período de formação dos jovens, estabelecendo conteúdos educativos iguais para todos. Dessa maneira, não seria determinante aquele “desejo mesquinho”, já denunciado por Kant e Fichte, que quer que “a educação termine depressa para que a criança possa começar a trabalhar”. Certamente, o período compreendido entre os 14 e os 20 anos ainda pertence à escola, mas a uma escola transformada, diferente daquela baseada em opiniões preconcebidas e no rígido ensino de hoje. E já antes do começo da instrução, na idade pré-escolar, deve-se fazer um esforço educativo importante para conservar a criança sadia de mente e de corpo e fazê-la entrar na escola com um ânimo capaz de aprender, não dogmaticamente prevenido em qualquer sentido, nem social nem religioso.

Mas de onde poderá tirar a sociedade burguesa o sustento para toda a sua juventude durante todos esses anos, e em particular depois do décimo quarto ano de vida, que pode ser indicada como a idade em que se alcança a capacidade para se manter sozinho, dado que nove em cada dez crianças são filhos de despossuídos? Assim, não só a pedagogia, mas também a ciência e a filosofia devem renunciar a seus propósitos de levar a juventude, formada e educada integralmente, para que impulse as tarefas da cultura sem impedimentos; isto é, tem que renunciar àquele grau de elevação cultural que somente é possível conseguir com a colaboração e o interesse de todos e diante do qual empalideceriam os próprios tempos de Péricles e de Augusto, que tanta atração exerceram até hoje sobre a humanidade. A sociedade atual visualiza claramente esse ideal de educação não como uma utopia, mas como ideal que seus investigadores mais sérios lhe apresentam juntamente com os meios para levá-lo à prática; só que esses meios vão contra os interesses do capital e portanto não são concedidos. Com a mesma clareza visualiza os perigos que emanam da não realização desse ideal de educação e que ameaçam inclusive a juventude das classes possuidoras com a atrofia de sua vida intelectual e sentimental. Contudo, apesar de tudo isso, tem que renunciar a melhorar o próprio conhecimento e ao mesmo tempo a seus ideais de educação diante da impossibilidade de levá-los à prática *nessa sociedade*.

O médico, o eugenista e o economista estão de acordo em salientar a necessidade de uma prole robusta e da melhoria das gerações. Atribuem as causas da crescente deteriorização física da raça humana à má alimentação de grande parte da população, à necessidade de trabalhos pesados, mesmo para mulheres grávidas, à crescente impossibilidade das mães de amamentarem os seus filhos, à falta de cuidados com os recém-

nascidos, ao insuficiente cuidado com as crianças e à autorização prematura para o trabalho dos menores de idade, aos danos provocados pelos casamentos por interesse, tão freqüentes entre as classes possuidoras, e àqueles que o homem contrai muito tarde por necessidade, depois de uma juventude freqüentemente difícil. Eles indicam todas essas coisas e muitas outras mais com o escrúpulo dos homens de ciência que dizem as coisas tal como são, mas com a triste sensação de não poder extirpar jamais as raízes desses males. Esta sensação se torna tanto mais profunda e dolorosa quanto mais evidente é a compreensão da natureza e das causas desses males, quanto mais se vêem os meios para atenuá-los e eliminá-los e quanto mais honesto é o homem que os vê. Enquanto a ciência perfila cada vez com mais clareza um ideal eugênico de vida feliz, sadia e tendente à melhoria da raça humana, deve renunciar a se aproximar de algum modo desse ideal.

A luta contra o alcoolismo, com seu mar de miséria, de criminalidade e de loucura para as gerações atuais, e com sua carga mortal, semelhante a uma maldição, para a humanidade, se converteu no problema principal da ciência da sociedade e de uma política econômica que nela se inspire. Mas, diante desse problema por caso não nos limitamos a dizer que, no caso de um rápido êxito, o movimento de luta contra o alcoolismo – que é um movimento cultural no sentido mais nobre do termo, presente na sociedade atual –, se daria imediatamente conseqüências ruinosas para o Estado, destruindo duas das maiores indústrias, a da aguardente e a da cerveja, reduzindo notavelmente o transporte de mercadorias e diminuindo na agricultura aquelas fontes de lucro que estão relacionadas e são inteiramente dependentes dessas indústrias? “À luta contra o alcoolismo se opõem não só os interesses dos grandes senhores da cerveja e dos barões da aguardente, mas também todo o mecanismo da distribuição, e o lucro fundado na propriedade privada e na ordem econômica capitalista, que subordinou de tal maneira a mesquinha vida do proletariado ao princípio da inviolabilidade do lucro de seus exploradores, que esses podem inclusive falar de harmonia de interesses quando o proletariado se veja atado às cadeias da necessidade. As pressões exercidas pelos fortes interesses econômicos constituem um obstáculo perigosíssimo à luta contra o alcoolismo, que de todos os modos representa um interesse comum da civilização. O desemprego apresenta-se como ameaçador junto com o espectro de uma crise econômica precisamente quando essa necessidade da civilização poderia encontrar rápida e completa realização. Há exemplo mais evidente do tipo liberdade que a ciência burguesa concede aos deveres sociais próprios da ciência?”<sup>22</sup>

<sup>22</sup> Talvez, diante do excesso de zelo dos defensores da produção de bebidas alcoólicas, não seja supérfluo mencionar que o que verificamos agora não se propõe a ser um argumento contra o movimento de luta contra o alcoolismo. Significaria, de fato, aceitar seu argumento principal, fortalecido pela repugnância geral contra o álcool, de acordo com o qual este é um dos principais pilares da produção burguesa e só pode ser eliminado junto com ela. Certamente dessa maneira se pode provocar confusão nas fileiras dos adversários burgueses do alcoolismo, mas não levantar objeções ao movimento pela luta contra o alcoolismo dirigido pelos *socialdemocratas*. Esse movimento não se espanta, de fato, diante da existência da contradição entre civilização e interesse econômicos que se abre com a hipótese de uma transformação radical da ordem econômica, em virtude da qual os interesses dos destiladores de aguardente e dos operários que recebem o salário somente se a aguardente é bebida, já não são contrastantes. Seu objetivo se encontra naquilo que diz o programa de ação da Arbeiter-Abstinentenbund socialdemocrata austríaca, que estabelece “a proibição total da produção e do comércio de bebidas alcoólicas” e continua: “A Arbeiter-Abstinentenbund se encontra unida com o movimento operário na luta para a realização dos objetivos da civilização próprios da classe operária e para alcançar o *socialismo*. Pede a seus filiados uma luta sem quartel para a realização dos fins do movimento operário [...]” (*Arbeiterzeitung*, Viena, 20 de fevereiro de 1910). Desse modo, os defensores da produção de bebidas alcoólicas não podem esperar nada da contradição já apontada em que se encontra o mundo burguês com a luta contra o alcoolismo. Esta age ao contrário sobre o proletariado como um estímulo para sua eliminação; na mesma medida em que seu absurdo se torne uma realidade econômica se transforma para o proletariado que se inspira no socialismo em energia revolucionária.

Análogas considerações valem para a luta contra a prostituição, com aquela ridícula disputa acerca de sua necessidade, na qual se confundem indignamente dois problemas: a questão sobre que se pode discutir, da forma respectivamente poligâmica e poliândrica do instinto sexual, e aquela, sobre o que não há o que discutir, da admissibilidade da degradação e da coisificação mais ínfima dos seres humanos. Não é esse um exemplo inclusive mais convincente de como a sociedade burguesa não é capaz de apresentar conceitualmente claros os seus próprios deveres, ao não ser mais capaz de avançar além de suas próprias idéias?

Com a luta contra as doenças genéticas e sociais a ciência se encontra diante da miséria e das incompreensões de nossa sociedade como diante de um abismo no qual se lança como um autêntico e verdadeiro trabalho de Sísifo. Como poderia se opor com êxito à difusão das doenças genéticas nos lamaçais da prostituição oficial, e ainda mais na da prostituição clandestina, e diante da desordem, induzida pela própria situação econômica, da vida social de grandes estratos da juventude masculina? Como poderia, por exemplo, lutar eficazmente contra a tuberculose ou limitar a mortalidade infantil com a contínua constrição ao trabalho e da desnutrição do proletariado, com habitações privadas de ar e de luz, úmidas e sufocantes nas quais este vive, com a impossibilidade de satisfazer as exigências de uma mínima higiene do corpo e das casas? Na sociedade capitalista o homem não é de modo algum o capital mais precioso.

A produção capitalista [...] procede com suma economia com o trabalho efetuado, objetivado em mercadorias. Ao contrário, é muito mais do que qualquer outro modo de produção, uma dilapidadora de seres humanos, de trabalho vivo, uma dissipadora não só de carne e sangue, mas também de nervos e cérebro. De fato, só se deve à mais monstruosa dissipação de desenvolvimento individual que o desenvolvimento da humanidade em geral esteja assegurado e que se dê na época histórica que precede imediatamente à reconstituição consciente da sociedade humana.<sup>23</sup>

A ciência da higiene e da saúde pública sabe indicar claramente tudo o quanto é necessário e conveniente para alcançar tal objetivo, mas novamente não pode fazer outra coisa do que o papel do pregador no deserto e contentar-se com os pequenos resultados parciais.

Diante dessas necessidades tão urgentes e tão insuficientemente satisfeitas parecem um puro sonho as maravilhosas idéias de um Metschnicov\* sobre a possibilidade de uma gerontologia e de uma tanologia científica, de uma macrobiologia planificada, de uma ciência conscientemente dirigida que considera o prolongamento da vida humana até o limite de suas possibilidades físicas, que considera o momento em que a vida transcorra docemente e sem temor, já tendo se extinguido a vontade de viver. Uma duração da vida superior à dos patriarcas bíblicos, uma velhice que já não seja da natureza patológica e um peso para a própria velhice e para a sociedade, mas que conserve o homem na plenitude de sua potência física e intelectual, fazendo dos velhos e de sua experiência o elemento mais precioso da humanidade. Estas não são imagens concebidas na mente de um visionário, mas pensamentos de um homem de ciência que mostra sua atualidade com os instrumentos que a própria ciência lhe oferece. Se o mundo se orienta

<sup>23</sup> Karl Marx, *Das Kapital*, III, 1, p. 63.

\* Ilia Metschnikov, biólogo russo, nasceu em 1845 e morreu em Paris em 1916. Deu uma contribuição fundamental às ciências biológicas com a doutrina da *fagocitose*, particularmente importante para a fisiopatologia da imunidade: daí toda uma série de importantes estudos que realizou sobre doenças infecciosas (nota de Siglo Veintiuno Editores).

verdadeiramente segundo as indicações da ciência, esta imagem luminosa, que ainda impõe o suplício de Tântalo da privação diante das mais ardentes aspirações da humanidade, não nos mostraria de maneira tão evidente *a distância que há entre as possibilidades oferecidas pela ciência e aquelas que a sociedade oferece?* O socialismo mostra a possibilidade técnica e econômica de uma real e ampla satisfação das necessidades de cada um; a higiene, a segurança da saúde para todos, a biologia genética, a pedagogia, a educação, a microbiologia, o prolongamento da vida; mas a todas essas possibilidades a sociedade burguesa opõe a impossibilidade de sua realização. Por quê? Pelo simples e óbvio fato de que os meios de que dispõe e que poderiam fazer dessa possibilidade uma realidade para todos *não são meios para todos*, mas só para alguns, para os possuidores dos meios de produção, portanto *não destinados a objetivos sociais*, mas somente para o enriquecimento individual, ao lucro. Contra esse grande limite se quebram os mais nobres pensamentos da ciência e não há remédio senão em resignar-se. Junto à proletarização das condições de existência do trabalho intelectual, junto com a subordinação de sua atividade, aparece enfim o que, na sociedade burguesa, é a sua mais triste característica: sua *frustração* em seus deveres mais peculiares. Nessa sociedade *o homem não está à altura de seus fins mais elevados*, e então é a ira que prepara o fim desse estado de coisas, pois não se trata de conservar no homem o ponto atual a que chegou o desenvolvimento histórico da civilização; ao contrário, com a abolição da forma capitalista da sociedade se conclui realmente somente a “*pré-história da sociedade humana*”.<sup>24</sup>

A tomada de consciência dessa situação, ainda que às vezes chegue muito tarde para os mais ativos defensores da sociedade capitalista, abrindo uma contradição insanável em tudo o que fazem, toca também naqueles que participam da maneira mais honesta e válida dos problemas do trabalho intelectual.

## NOSSAS TAREFAS

O quarto e mais importante significado do socialismo para os intelectuais consiste no fato de superar essa *frustração do trabalho intelectual*, transformando-a numa atitude alegremente dirigida para o futuro e que permite vislumbrar a possibilidade um pleno desenvolvimento do pensamento científico e da imaginação artística, não sendo pensável que na nova ordem social nasçam aqueles interesses egoístas que agora estão presentes. Revela-se assim toda a profundidade daquela afirmação de Fichte na qual ele sintetizou uma vez o dever dos intelectuais.

O homem médio está destinado a conservar por si mesmo a raça no nível da formação que ela alcançou; o cientista, de levá-la adiante segundo um claro conceito e uma arte reflexiva. O último, com seu conceito deve ser capaz de antecipar-se ao presente, de perceber o futuro e de implantá-lo no presente para desenvolvimento futuro.<sup>25</sup>

Preceder ao presente e antecipar o futuro deveria ser a verdadeira atitude dos intelectuais e do trabalho intelectual; já não deveriam ter vigência os duros tons com que outra mente genial, Ludwig Borne,<sup>26</sup> não muito depois de Os discursos, de Fichte, repro-

<sup>24</sup> Karl Marx, *Zur Kritik der politischen Ökonomie* [Contribuição à crítica da economia política], p. 12.

<sup>25</sup> Fichte, *Reden an die deutsche Nation*, cit., p. 160.

<sup>26</sup> Escritor democrático alemão, nascido em Frankfurt em 1786 e morto em Paris em 1837. Em Berlim, frequentou o salão de Henriette Herl, onde conheceu Schleiermacher, Fichte, F. Schlegel e outros. Em 1820, em Paris, se vinculou ao movimento da “Jovem Alemanha” (nota de Siglo Veintiuno Editores).

vava a seus contemporâneos pertencentes à sua própria classe social, proclamando verdades que lhe sobreviveram por muito tempo:

Vimos ao mundo com a sabedoria de nossos antepassados e a deixamos desprovida. Somos como um animal de bronze que ao presente acrescenta o passado e que deve transmitir o presente, tal como o recebeu, ao futuro.<sup>26</sup>

Renovar-se no espírito, estar sempre voltados para frente, estar nesse velho mundo como o saltador sobre o trampolim, com o olhar no horizonte e livres nas decisões, eis o que o intelectual deve reconhecer como o seu primeiro e mais importante interesse específico, se pelo menos quer conservar-se como tal. As considerações pedestres, as incertezas diante do problema social teriam que ser rapidamente substituídas pela interrogação que surge em nível de seus interesses intelectuais: quer que tudo continue a ser como antes, que permaneça a ignominiosa cisão entre o querer e o poder, ou tudo deve, ao contrário, mudar conformando-se com a imagem que vive em seu espírito? Jamais o imperativo categórico “*deves, portanto podes*” suscitou sentimentos de maior soberbia do que hoje, no momento em que este “*podes*” se afirma fortemente em todos os campos da vida social e da ciência e quando se torna realmente necessário fazer viver também o “*deves*”, apenas o intelectual reconheça que, no fundo, este “*deves*” não é nem pode ser outra coisa que o “*pode*”.

Por acaso não é assim? Só para quem não quer que aquela unidade e aquela harmonia que persegue em seu pensamento se mostre também nas obras da vida social, onde seus pensamentos se entrelaçam com os de seus contemporâneos; só para quem queira se esterelizar numa espécie de atrofia física sob o manto de seu próprio egoísmo, ou exasperar-se no vazio de sua apatia intelectual tudo isso pode ser dito inutilmente. Desse modo, ele se exclui de sua própria possibilidade de uma real ação cultural. Mas nós que queremos ser viventes e operantes, *nós não podemos fazer outra coisa* que aceitar o ponto de vista de que se pode esperar finalmente uma mudança da situação que prometa algo grande.

É a lei psicológica que o espírito teórico chegado a ser livre se transforme em *energia* prática e, saindo como *vontade* das sombras da mente, se dirija para a realidade natural, existente apesar dele.<sup>27</sup>

E mesmo que se tratasse de uma ilusão, como pensam os que ainda não sabem que não é a utopia, mas a ciência que nos guia – e nesse caso aquilo nos eleva no socialismo e nos dá asas, teria que ser uma total ilusão e uma fantasia – certamente, inclusive nesse caso para os intelectuais seria sempre mais apropriado elevar-se com os pensamentos e as grandes esperanças próprias de um espírito que busca, no lugar de aviltar-se numa banal alegria e numa liberdade idiota a respeito da necessidade garantida por uma situação de bem-estar. Aquele que com base na percepção imediata da miséria e do contra-senso que o rodeiam e da vitalidade de seus próprios impulsos intelectuais, tenha percebido alguma vez como o presente ficou para trás em relação ao nível de seus interesses culturais, e tenha compreendido o quanto miserável é essa cultura que quer manter como cultura burguesa, porquanto desenvolveu internamente pensamentos e opiniões sobre os fins últimos de um desenvolvimento mais elevado do homem, *por agora* não terá dever mais imediato, nem melhor nem mais necessário que aderir com o pensamento e com a ação

<sup>26</sup> L. Borne, *Gesammelte Schriften*, vol. 1 (Frankfurt, 1862), p. 11.

<sup>27</sup> Karl Marx, *Nachlass*, I, p. 114 [Adler cita um fragmento da tese de doutorado de Marx sobre Demócrito e Epicuro (nota de Siglo Veintiuno Editores)].

ao grande movimento operário socialista. Já não considerará a política como um impulso desordenado que o desvia das metas do trabalho cultural. Ao contrário, precisamente na política socialista, nesse primeiro exemplo de uma política dirigida para o avanço de uma civilização internacional que se constrói superando as fronteiras nacionais, tal como pode se verificar na socialdemocracia de todos os países, reconhecerá o meio mais poderoso para superar a degeneração da política burguesa e para levar esse conceito à sua essência mais verdadeira: a de um trabalho planificado para a construção de uma sociedade de acordo com seus fins.<sup>28</sup> E o intelectual, do mesmo modo que o operário, adquirido esse conhecimento social será socialdemocrata desde o início. Desaparecerá então, finalmente, o mesquinho argumento segundo o qual se pode ser socialista sem ser socialdemocrata revelando-se aquilo que é na realidade: uma miserável fraqueza da vontade, ou, no melhor dos casos, uma imaturidade política, sem considerar, certamente, aqueles casos em que não se trata senão de pura hipocrisia. Aquele que afirma ser socialista e, portanto, deseja ardentemente todos aqueles fins culturais que nos manifestaram como conteúdo do socialismo não pode fazer outra coisa, sempre que esteja acostumado com o fato de que as palavras sejam seguidas pelos fatos, que trabalhar com todas as suas forças no único partido político que hoje combate sistematicamente para alcançar aqueles fins: a socialdemocracia. Ninguém, por grande que seja, nem mesmo um rei da ciência, pode prescindir, em sua atividade, da caixa de ressonância constituída pela comunidade. Nenhuma atividade profissional, por mais concentrada que esteja em si mesma, pode se converter na causa – se bem que com frequência só é um pretexto – de uma insensibilidade para com os interesses políticos, que são na realidade os interesses da comunidade. Mas é muito ridículo que tanta gente recuse a filiação ao partido para conservar suas próprias opiniões a respeito de algumas coisas. Sem dúvida, não se perguntaram se essas opiniões pessoais são realmente dignas de serem conservadas e se nelas está a razão pela qual não se aprofundou no conhecimento da essência da socialdemocracia e de suas reivindicações. Mas por acaso nós, socialdemocratas, não temos opiniões distintas, em particular sobre o modo de alcançar a meta final? Mas pode isso impedir a união em nome do dever que comporta o empenho primordial, isto é, a luta organizada contra a incultura atual? Uma opinião pessoal que impeça a luta pela meta final é em si mesma uma forma de incultura para cujo extermínio os próprios intelectuais devem muito se empenhar.

Mas se alguém atemorizado pelo poderoso espírito de massas que a partir do povo – que recobrou pelo socialismo a vida intelectual – o enfrenta ameaçador pode pensar que não há nada mais precioso do que a individualidade, que venha, então, colaborar conosco, com massas de milhões de homens que começam a se elevar para essa imagem luminosa, e saúde com alegria a primeira grande iniciativa de massa da história que consiste em ultrapassar todos os limites que obstaculizam a formação do indivíduo: a fome, a pobreza e o trabalho das massas. Ninguém pode recuar, nem crer que se trata de algo que não lhe compete. E para quem começa a mostrar desânimo, talvez a advertência de Fichte, filósofo e socialista ao mesmo tempo, possa constituir, mesmo cem anos depois, um motivo de estímulo e de incitação quando afirma que a história não se realiza sem a intervenção ativa dos homens.

A chuva, o orvalho, os anos férteis e inférteis podem se dar por uma força desconhecida e estranha a nós, que não está em nosso poder; mas o tempo completamente próprio dos homens, as circunstâncias humanas só são feitas pelos próprios homens [...] Mas o fato de que alguma

<sup>28</sup> Cf. a esse propósito, Max Adler, "Wissenschaft und Politik", em *Marx Als Denker*, cit., p. VII; agora em *Marx und Engels als Denker*, cit., pp. 104-111.



vez voltemos a nos sentirmos bem dependerá exclusivamente de nós e seguramente não chegaremos a qualquer bem-estar se não o procuramos nós mesmos e, especialmente, se cada um de nós não age e atua à sua maneira como se estivesse só e como se a salvação da raça futura disso dependesse.<sup>29</sup>

Saberão reconhecer os intelectuais esse dever e torná-lo seu? Saberão encontrar a via que leva ao povo, isto é, nesse caso, o socialismo? Essa é a verdadeira questão social dos intelectuais, porque nela não se decide somente a segurança, a liberdade e a independência a respeito de suas condições econômicas, mas sobretudo a tranqüilidade e o cumprimento de sua vida intelectual. Vimos que numa situação análoga à do proletariado – e que também poderíamos definir como feliz – os intelectuais vêm desaparecer nas tendências de desenvolvimento para um novo tipo de sociedade, as condições de sua vida material e cultural. O convite para um efetivo cumprimento de seus deveres, que advém de sua própria posição de representantes do trabalho intelectual, encontra, pois, ressonância em seu ânimo e invade todo o seu ser a orgulhosa consciência de que se trata de um privilégio único, derivado não de seu mérito pessoal, mas das próprias aspirações intelectuais das quais participam: o privilégio de estar interessados no desenvolvimento da sociedade não por razões de ordem material, mas em virtude das próprias condições de existência e de desenvolvimento intelectual.

Oxalá, saibam viver o luminoso entusiasmo que deriva desse privilégio e tomem finalmente consciência de que também eles – como certa vez disse Lassalle referindo-se aos operários – possam defender com o ardor de um interesse pessoal os interesses de toda a humanidade. E se fundamentam a crescente propensão para o socialismo com a análise científica, saberão como maior certeza qual é sua única e verdadeira colocação.

Desse modo, o impulso do coração se converterá realmente na voz de um destino que une o trabalho manual e o trabalho intelectual na busca por uma libertação comum. Na aliança entre ciência e trabalho anunciada por Lassalle, que atualmente começa a tornar-se realidade, e reforçando a esperança de um futuro melhor, os intelectuais não estão excluídos do conhecimento social da luta de classes: só poderão ser excluídos se rejeitarem as conseqüências de sua ciência.

<sup>29</sup> Fichte, *Reden an die deutsche Nation*, cit., p. 217.